

# DEZ TESES PARA O ESTUDO DE GUIMARÃES ROSA

*Luiz Dagobert de Aguirra Roncari\**

## RESUMO

As dez teses pretendem estabelecer algumas orientações gerais para o estudo da obra de Guimarães Rosa. Elas são a súmula de uma longa pesquisa sobre *Sagarana*, *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas*, e podem ser sintetizadas nestes quatro pontos: esses livros estão organicamente imbricados; as fontes brasileiras, literárias e não-literárias, são vitais para a sua compreensão; por estarem em boa parte ambientados na Primeira República, eles têm também um caráter de literatura histórica; e, para serem devidamente compreendidos, precisam ser lidos nas três camadas que os compõem: a alegórico-histórica, a mítica e a empírica.

**Palavras-chave:** Prosa moderna brasileira; Prosa de Guimarães Rosa; Literatura e história; Crítica de Guimarães Rosa.

O que estou apresentando aqui são apenas algumas conclusões a que cheguei a partir dos meus estudos sobre a obra de Guimarães Rosa. Alguns deles estou publicando em revistas e livros, separadamente, como se fossem autônomos, embora todos participem de um mesmo trabalho, que pretendo publicar na íntegra, em breve. Vou mencioná-los, porque me referirei a eles ao longo da exposição e as teses que ora exponho são também os seus resultados. Os estudos são estes: “O engasgo de Rosa e a confirmação milagrosa” (*Remate de Males*, 2000, e *Outras Margens*, 2001; escrevi agora uma segunda versão, a partir do cotejo com o volume *Sezão*, incorporando-o, e mudei o seu título para “As três árvores de Rosa”,

---

\* Universidade de São Paulo.

como uma opção de nome mais rosiano do que modernista); “Irmão Lélío, irmã Lina: incesto e milagre na ‘ilha’ do Pinhém” (*Estudos Avançados*, 2001); “O tribunal do sertão” (Teresa, 2º semestre de 2001); e “O lugar da história na obra de Guimarães Rosa” (livro em homenagem aos oitenta anos do professor José Aderaldo Castello, organizado pelo IEB/USP (prelo). Estes estudos se referem apenas aos livros do “primeiro” Guimarães Rosa, *Sagarana*, *Corpo de Baile* e *Grande Sertão*, escritos durante o período getulista, e as teses devem servir mais como pontos para discussão, pois é este o melhor caminho para o conhecimento, quando estamos abertos tanto para as revisões como para as confirmações:

1. Embora as fontes brasileiras de Guimarães Rosa tenham sido um tanto quanto relegadas a um segundo plano nos estudos rosianos mais recentes, considere-as fundamentais para a sua compreensão, sem negar de modo algum a importância das universais, como as clássicas portuguesas, grego-romanas, medievais e renascentistas. Porém, as brasileiras a serem consideradas devem ser não só as literárias, como Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Afonso Arinos, Coelho Neto, Graça Aranha, Mário de Andrade e tantos outros, percebidas logo nas primeiras recepções críticas do autor, nos anos 40 e 50, como também as não-literárias, as ensaísticas voltadas para o estudo e a interpretação do Brasil, como as de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Alberto Torres, Caio Prado Jr., Paulo Prado, Oliveira Vianna, Alceu de Amoroso Lima, Oliveira Lima e também tantos outros, porém bem menos percebidas ou lembradas. O que procuro mostrar nos meus trabalhos é como Rosa elabora nesses seus primeiros livros, junto com a sua experiência da vida no sertão de Minas, a sua leitura do e sobre o país, transformando as interpretações ensaísticas em bases de sustentação das representações literárias ou construindo estas a partir daquelas. O embate entre barbárie e civilização, desordem e ordem, tanto na vida político-institucional como na privada e familiar, cuja metáfora é a do choque entre dois ventos contrários – “o diabo na rua, no meio do redemoinho...” –, está no centro do seu trabalho e é apreciado a partir da peculiaridade com que ocorre no Brasil e não em outro lugar: o sertão é um espaço físico e imaginário tipicamente brasileiro. Este tema, sempre segundo me parece, constitui-se no núcleo forte e organizador da sua obra, onde o destino humano e o homem vivem as injunções do histórico, porém são deslocados para um espaço onde o mal pode ser encarnado e a luta contra ele estilizada e alegorizada. Este plano permite a ele sustentar e remeter a dois outros, o mítico e o cósmico, que muitas vezes se confundem, criando para nós este dilema: ou o plano terreno é uma pálida imagem das emanções do celeste que aqui se atualizam e se teatralizam, com as suas regências, ou a vida no tumulto da travessia, entre a desordem e a ordem, os costumes do sertão e as regras da civilização, para se tornar de fato literatura, deve recordar os arquétipos cósmicos e míticos, como fazia a velha literatura clássica, épica e trágica. Pã, Hermes, Zeus, Apolo, Minerva, Afrodite, Hera

não podem estar ausentes da sua literatura, assim como não podiam estar das epopeias e tragédias, antigas e modernas.

2. Já foram razoavelmente detectadas e exploradas as fontes platônicas e neo-platônicas de Guimarães, as quais ele faz questão de deixar explícitas, em epígrafes, citações e declarações. Mas sobre as suas fontes aristotélicas pouco se escreveu; no entanto, à medida que fui desenvolvendo o meu trabalho, elas me pareceram mais importantes, pelo menos me ajudaram mais do que as platônicas a entender e interpretar o autor, particularmente as suas representações do amor e do poder, como as faces privada e pública da mesma moeda: a vida na sociedade patriarcal brasileira, de extração colonial, enfrentando os percalços da Primeira República. Para o entendimento da sua teoria amorosa, a leitura mais importante me pareceu ser a sua *Ética a Nicômacos*, e o da questão do poder o livro *Política*. Por que Aristóteles e não Platão? Eu penso, e isto ainda é apenas hipótese, porque o primeiro foi mais facilmente transformado em doutrina e contribuiu para moldar o pensamento escolástico e a poesia medieval, como a de Dante, através de São Tomas de Aquino, e a doutrina jesuítica, tão importantes na colonização e na formação da ética e da mentalidade patriarcal brasileira. Ver: “Irmão Lélío, irmã Lina” e “O tribunal do sertão”.

3. As similaridades entre o aristocratismo do patriarcalismo grego e o aristocratismo da família patriarcal brasileira, estruturados a partir do trabalho escravo, assim como as práticas religiosas brasileiras e muitas das gregas permitiram ao autor aproximar as duas formações, apesar das diferenças históricas abissais. Mas ambas possibilitavam enxergar ali pontos comuns, ainda que aparentes, mas que fundamentavam a reconexão da literatura brasileira com a clássica, em parte rompidas com os movimentos modernistas e os seus corolários, permitindo assim a analogia e a exploração no plano literário de alguns dos seus motivos e temas. Desse modo a sua teoria amorosa me parece ter mais uma perspectiva ética, como a de Aristóteles, do que metafísica, como a de Platão, e a sua teoria do poder uma perspectiva mais civilizatória, preocupada com a forma de organização e institucionalização do poder civil, do que realista, se assim posso chamar, como a de Maquiavel. Sobre a dimensão ética do amor, eu tento mostrar nos ensaios: “O engasgo de Rosa” e “Irmão Lélío, irmã Lina”; e sobre a civilizatória do poder, com todas as suas ambigüidades e contradições, eu o faço em “O tribunal do sertão”.

4. Existe uma organicidade entre esses três primeiros livros de Rosa: *Sagarana*, *Corpo de Baile* e *Grande Sertão*. Alguns motivos esboçados na novela “São Marcos”, como as suas três representações amorosas e as cósmicas da Terra, do Sol e da Lua, além de algumas míticas, encontrarão o seu desenvolvimento em “A estória de Lélío e de Lina”, como se esta já estivesse incubada naquela. Do mesmo modo, o *Grande Sertão*, representará um desenvolvimento sinfônico da estória do Pinhém, a mesma dança cósmica com as mesmas figurações míticas, porém num outro registro

e com outro acabamento. Segundo uma entrevista dada por Guimarães, ainda em 54, quando anunciava o **Corpo de Baile**, ele afirma ter sido de uma das novelas do livro que ele desenvolveu o romance: “De uma das novelas desse livro – ‘quase contra a minha vontade’, diz ele, desenvolveu um romance: **As Veredas Mortas** [nome original do **Grande Sertão**] que é a história do jagunço Riobaldo, cheia de violências e mortes. Desenrola-se no princípio do século, no Noroeste de Minas, perto do rio Urucuia” (**Visão**, 23 de julho de 1954).<sup>1</sup> E penso que essa história seja “A estória de Léo e Lina”, e Léo uma das metades de Riobaldo. Num outro relato, porém, ele teria dito que desenvolveu o romance a partir de uma oitava estória (**Plantão Literário** de 17 de julho de 1956).

5. Essas três obras de Guimarães parecem articular três camadas que precisam ir sendo encontradas e decifradas: a alegórico-histórica, que se refere ao trânsito do patriarcalismo ao coronelismo no período da Primeira República; a mítico-cósmica, que trabalha com as representações de Apolo, Pã, Hermes e Zeus, no plano da vida política (v. “O tribunal do sertão”) e Ártemis, Afrodite, Hera, Atena e Demeter, no da vida amorosa e privada (v. “O engasgo de Rosa” e “Irmão Léo, irmã Lina”), com os dois conjuntos adquirindo sentido, valor e significado a partir das suas conotações de ordem e desordem, civilização e selvageria e como se tudo estivesse sendo regido pelas conjunções e disjunções entre os três astros: Terra, Sol e Lua. E a camada empírica. Assim, debaixo do chapéu de Joca Ramiro encontramos um chefe jagunço, Zeus e D. Pedro II. Ver os ensaios: “O engasgo de Rosa”, “Irmão Léo, irmã Lina” e “O tribunal do Sertão”.

6. A história passa a ter um lugar e um papel muito definidos nesses três livros, se reconhecermos que é um tempo histórico com as suas personagens e personificações que estão sendo aí alegorizados, sendo em função disso que as camadas míticas e cósmicas são agenciadas, também com o sentido de dar nobreza literária à exposição dos dilemas históricos. Ver: “O tribunal do sertão” e “O lugar da história na obra de Guimarães Rosa”.

7. Se o tempo histórico desses três livros é o da Primeira República e o tempo do autor é o do getulismo (de 37 a 54, ano em que **Corpo de Baile** e **Grande Sertão** foram anunciados), eles precisam ser vistos também como pertencentes ao que consideramos como *literatura histórica*. No sentido em que o autor situa num determinado tempo passado, rompido com a Revolução de 30, um momento crucial e de grandes definições para os destinos do país, procurando extrair dele um juízo. A im-

---

<sup>1</sup> “Este livro [**Grande sertão: veredas**] tem uma história. J. Guimarães Rosa estava escrevendo **Corpo de Baile** [...]. Um dos contos começou a crescer, crescer. Foi tomando corpo, como quem não quer nada. Transformou-se em novela. A novela, por sua vez, foi tomando corpo, corpo. As laudas de papel dos originais iam criando volume, volume. Resultado: a novela se transformou em romance. Guimarães Rosa resolveu, então, publicá-lo em volume à parte”.

pressão que fica a partir da análise dos textos de Guimarães é a de que, com o fim da ordem Imperial, para ele, a república não encontrou ainda os parâmetros para uma nova ordem, situação que se agrava com o *varguismo*. A pergunta que considero importante de se fazer é esta: por que Guimarães, escrevendo no período do *getulismo*, situa as suas narrativas no da Primeira República? Ver “Irmão Lélío, irmã Lina” e “O tribunal do sertão”.

8. Na base da literatura de Guimarães está a busca do sério e do trágico, porém segundo os novos termos da literatura moderna, de recusa da separação dos estilos, e procurando ao mesmo tempo integrar a expressão popular no tratamento dos temas da alta literatura. A conclusão a que se chega é a verificação da impossibilidade da tragédia, na medida em que se constituiu no país um terreno social demasiado fluido e esgraçado, incapaz de suportar os dramas trágicos, pelo menos nas camadas inferiores, que demandariam a existência de troncos familiares estruturados. Visão do autor que contrariaria a dominante tradicional e escandalizaria se exposta abertamente. Ver especialmente: “Irmão Lélío, irmã Lina”.

9. A literatura de Guimarães, assim como toda boa literatura, precisa ser apreciada na sua integridade, nas suas relações entre conteúdo e forma, temas e composição, sem o que nós perdemos os verdadeiros sentidos das suas expressões. Se não apreendermos o modo específico do autor intervir e interferir na elocução dos narradores e das personagens, quer dizer, a estratégia literária do autor, nós perdemos uma camada importantíssima de significação dos textos e da sua cosmovisão. Ver “O engasgo de Rosa”, “Irmão Lélío, irmã Lina” e “O tribunal do sertão”.

10. A literatura de Guimarães pede uma espécie de leitura arqueológica, quer dizer, um tipo de escavação que vá descobrindo as novas camadas de sentido do texto, das mais evidentes e superficiais às mais profundas, da novidade e estranheza da expressão lingüística, à compreensão dos temas que estão sendo ali tratados e desenvolvidos, embora passando sempre por aquela, estruturada a partir de uma perspectiva dupla: de revelar e encobrir ao mesmo tempo. Ver especialmente: “O engasgo de Rosa”.

## ABSTRACT

The ten theses intend to provide some general guidelines for the study of Guimarães Rosa's works. The theses are the summary of a wide research into **Sagarana**, **Corpo de baile** and **Grande sertão: veredas**, and they basically refer to four items: those books are organically articulated; the Brazilian sources, literary and nonliterary, are essential for their understanding; as these books are set in the period of our First Republic, they also contain features of historical literature; and, in order to be fully understood, they need to be read on the three levels that organize them, that is, the empirical-historical, the mythical and the cosmic level.

**Keywords:** Modern Brazilian prose; Guimarães Rosa's prose; Literature and history; Criticism of Guimarães Rosa.

### Referências bibliográficas

RONCARI, Luiz Dagobert de Aguirra. O tribunal do sertão. **Teresa: Revista da Área de Literatura Brasileira da USP**, São Paulo, n. 2, p. 216-248, 2º sem. 2001.

RONCARI, Luiz Dagobert de Aguirra. Irmão Lélío, irmã Lina: incesto e milagre na "ilha" do Pinhém. **Estudos Avançados: Revista do IEA/USP**, São Paulo, v. 15, n. 42, , p. 413-448, maio/ago. 2001.

RONCARI, Luiz Dagobert de Aguirra. O engasgo de Rosa e a confirmação milagrosa. In: DUARTE, Lélia Parreira e ABELHA, Maria Thereza (Orgs.). **Outras margens**. Belo Horizonte: Autêntica/PUC Minas, 2001. p. 117-150.

RONCARI, Luiz Dagobert de Aguirra. O engasgo de Rosa e a confirmação milagrosa. **Remate de Males: Revista do IEL, Unicamp**, Campinas, n. 20, 2000, p. 87-132.